

EMPODERAMENTO E EMANCIPAÇÃO DO FEMININO EM LISÍSTRATA

Jayne Axelly Souto da Silva (PIC/Uem), Ludmila Castanheira (Orientadora),
e-mail: axeuem@outlook.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes/Maringá, PR.

Linguística, Letras e Artes – Teatro

Palavras-chave: Comédia grega, Teatro, Feminismo

Resumo

Lisístratas é a cena resultante da atualização e análise da comédia grega de Aristófanes “A greve do sexo – Lisístrata”, na qual levantamos questionamentos sobre as imposições patriarcais para com nós, mulheres. O teatro contribuiu para o entrelaçamento do conteúdo teórico com a prática pudemos, então, idealizarmos a concretização da sororidade, empoderamento e emancipação das mulheres em cena, nos afastando de todo e qualquer machismo naturalizado nos dias atuais e as imposições postas como papéis sociais às mulheres.

Introdução

Ao tomar contato com a peça “A Greve do Sexo - Lisístrata” (séc. V a.c.), de Aristófanes, percebemos, em meio à organização clássica da comédia, algo semelhante ao que hoje, séculos depois, entendemos como feminismo: a ainda atual investida das mulheres por firmarem-se enquanto seres autônomos.

As ideias presentes na peça permaneceram em nosso imaginário e constatamos a importância e relevância de representar as questões transpassadas na peça de Aristófanes, colocando em prática a ação de atualizá-la a partir de uma montagem teatral.

Com a realização da montagem e atualização da peça, em Lisístratas, buscamos proporcionar às mulheres a quem o trabalho se destinava e às próprias atrizes a reflexão acerca de como a sociedade nos silencia, em nossos desejos de ser, pertencer, agir, pensar ou falar. Outra questão apontada em nossas discussões é o fato de que nós, mulheres, impomos limitantes semelhantes umas às outras. A partir dos materiais de pesquisas a que tivemos acesso, tomou-se consciência da rede de ações nocivas promovidas pelo patriarcado. Tornou se, então, nosso objetivo tematizar a

sororidade¹, em nossa prática teatral e processo, além de encorajar o empoderamento² das mulheres, evidenciando que, quando juntas, podemos perceber e reagir ao machismo imposto para nós (GARCIA; SOUSA: 2015, pp. 2-4).

Nosso desejo com a cena foi proporcionar às nossas espectadoras a ideia da possibilidade das mulheres buscarem a desnaturalização dos papéis socialmente impostos, que nos submetem e nos inferiorizam a partir da hierarquização dos gêneros.

Resultados e Discussão

A peça de Aristófanes, foi trabalhada de maneira coletiva neste processo de montagem, e, já na seleção das atrizes iniciou-se nossa percepção da relevância do tema que foi, e segue sendo, de suma importância. Para além da entrega de trabalho acadêmico, a união entre as mulheres para o fortalecimento de nossas relações é fundamental para criar possibilidades de aplacar a competitividade para a qual fomos educadas.

A escolha das atrizes teve implicações concretas sobre a construção da cena. Tal escolha decorreu do desejo de discutir e criar em resposta às fragilizações impostas pelo patriarcado. No processo de montagem, estivemos ocupadas em trabalhar com mulheres militantes em relação aos seus direitos. Em nossa trajetória, então, entrecruzaram-se os estudos sobre o feminismo, a investigação sobre a peça de Aristófanes e a criação atualizada e coletiva sobre estes dois materiais, que resultou na montagem de uma cena.

Neste sentido, tornou-se visível que “a organização social do trabalho artístico condiciona a formulação de poéticas de tal maneira, que cada pacto de trabalho significa um conjunto específico de possibilidades de produção” (CARREIRA; OLIVEIRA. 2004, p. 3). As vias pelas quais foi possível que isso de fato sucedesse, foram: nossos acordos coletivos e nosso trabalho realizado, que pôde atingir seus objetivos e atravessar instabilidades perpetuadas pelo grupo, características dos processos de criação para vivenciar o tema abordado de uma maneira poética e teatral.

Mesmo havendo urgência em estabilizar o elenco e por haver prazos, o processo de criação desencadeou a vontade da apresentação, ou, nas palavras dos autores a seguir, de desenvolver “... um projeto de longo prazo e pela organização de práticas pedagógicas” (CARREIRA; OLIVEIRA. 2004, p. 1). Práticas como: o diálogo que pode ser proporcionado entre público e atrizes, a troca de informação entre sociedade e grupo de teatro e o

¹ Nas palavras de Tinoco, “‘Sororidade’ se refere a uma espécie de pacto entre mulheres relacionado à dimensões ética, política e prática do feminismo contemporâneo. Ou, simplesmente, uma aliança baseada na empatia e no companheirismo” (2016, p. 1).

² Para Sardenberg, “o empoderamento de mulheres, é o processo da conquista da autonomia, da auto-determinação. E trata-se, para nós, ao mesmo tempo, de um instrumento/meio e um fim em si próprio. O empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal” (2006, p. 2)

desencadear de uma oficina teórico-prática com as mulheres ou com o público no geral. Estão entre nossas metas realizar ações como estas, que jugamos relevantes.

Para que pudéssemos dar desfecho à cena, tomamos emprestadas as ideias de Carreira e Oliveira (2004), que contribuem para compreendermos “a necessidade de articulação de formas de trabalho coletivas permanentes, que sustentem o esforço de atores e diretores” (p. 1). Ou seja: é fundamental a constante troca e apoio entre estes, assim como fora possível a discussão acerca da realidade das mulheres em “Lisístratas”.

As discussões suscitadas pelos textos dos autores mencionados contribuíram para que cada uma das atrizes, com suas opiniões e reflexões formuladas ao longo do processo, pudesse compartilhá-las com o público. Quando, finalmente, foram expostas essas formulações em nossa apresentação, apareceram nas falas e partituras corporais das atrizes. Como diretora, propus às atrizes ideias do que seria interessante levar ao público, aliando-as àquilo que o processo criativo despertava em seus corpos. Assim, suas respostas e meus anseios se alimentavam, numa via de mão dupla.

O diálogo estabelecido entre atrizes e diretora permitiu uma troca de afetividade e sororidade que colaborou em nosso processo e apresentação final. Este fato nos motivou a proporcionar o acesso da cena a mais locais da comunidade, pois consideramos ser importante a troca de informações e vivências entre mulheres, tentando alcançar a comunicação com demais grupos sociais.

Conclusões

Com a realização desta pesquisa foi possível ampliar nosso conhecimento acerca do machismo enfrentado cotidianamente por nós mulheres. Percebemos com mais sensibilidade o que o patriarcado tem imposto à nós, como os papéis que definem a mulher na sociedade atual. Tais papéis como o da maternidade, o doméstico, de boa esposa, boa mãe e a mulher sempre apresentável como delicada e educada frente à sociedade.

A partir do nosso descontentamento com o controle do patriarcado e as várias imposições postas para nós, seguimos na tentativa de nos impôr enquanto sujeitas de nossa própria independência, desejando discutir com outras mulheres sobre nossas experiências, vivências e, juntas, tomarmos consciência de como o machismo interfere incessantemente em nosso cotidiano e ao longo da história.

No desenrolar da pesquisa, descobrimos a existência da sororidade e que esta pode ser um caminho para diminuir o machismo entre nós, mulheres, principalmente. A partir do momento que compreendemos a diferença das necessidades, particularidades e da luta de cada grupo de mulheres, levando em consideração suas classes, raças e sexualidade.

Além da urgência em nos unir frente ao machismo, o contato que tivemos com a peça A greve do Sexo – Lisístrata foi uma importante contribuição para esta pesquisa. Em nosso processo de analisá-la e atualizá-la, nos foi possível ampliar nossa noção sobre as questões sociais

da Grécia Antiga e estabelecer discussões a partir de documentos históricos sobre o papel social herdado pelas mulheres.

Agradecimentos

Agradecemos à Diretoria de Cultura da UEM, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e ao Programa de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Maringá que nos possibilitaram a realização desta pesquisa.

Nossos agradecimentos também vão ao Departamento de Música, no qual o curso de Artes Cênicas está alocado.

E por fim, agradecemos à todas as mulheres que intrinsecamente contribuíram para realização deste trabalho, bem como nossas espectadoras de nossas apresentações; as atrizes, que deram vida às minhas ideias e à orientadora Ludmila Castanheira, que se fez sempre presente e preocupada com a evolução desta pesquisa.

Referências

ARISTÓFANES, **A Greve do Sexo** – Lisístrata. Trad. Millôr Fernandes. 1 ed. Porto Alegre: L&PM, 2003. Disponível em: <<http://www.ckgivan.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/2/400/330/arquivos/File/Arstofanes.pdf>> Acesso em: 28 nov. 2016.

CARREIRA, André L. A N. OLIVEIRA, Valéria Maria de. Teatro de Grupo: modelo de organização e geração de poéticas. **Revista Teatro Transcende**, Universidade Regional de Blumenau, s.v., 2005. Disponível em: <<http://files.discutindoaeticanoteatro.webnode.com/200000061-3758138524/TEATRO%20DE%20GRUPO.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

GARCIA, Dantielli Assimpção. SOUSA, Lucília Maria Abrahão e. **A sororidade no ciberespaço: laços feministas em militância**. Estudos Linguísticos, São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1032>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

SARDENBERG, Cecília M.B.. **Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista**. Universidade Federal da Bahia. 2009.

TINOCO, Dandara. **Antídoto à Rivalidade: Sororidade substantivo feminino**. 2016, SOCIEDADE, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/16307>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

27º Encontro Anual de Iniciação Científica
7º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior



2 e 3 de outubro de 2018